

**A fotografia na civilização do espetáculo:
percursos sobre a compreensão da efemeridade da imagem fotográfica
Prof. Me. MIRLENE SIMÕES SEVERO**

Resumo

Busca-se neste artigo apresentar discussão teórica acerca da civilização do espetáculo e a intrínseca relação com a imagem fotográfica. Busca-se também apresentar como se distanciou o conceito de arte à fotografia, apoiado pela disseminação de técnicas e de instrumentos fotográficos cada vez mais populares e mais fáceis de manuseio, muito presentes na sociedade de consumo. Mostra-se que a imagem fotográfica teve seu sentido, autoria e emoção subtraídos pela constante atualização de imagens que a *internet* e as plataformas sociais direcionam aos indivíduos. Tem-se como conclusão reinterpretar a imagem fotográfica em sua história, em sua função social, qual seja, de preservação da memória da sociedade.

Palavras-chave: Imagem fotográfica. Fotografia. Civilização do espetáculo

Abstract

Search in this article present theoretical discussion about the show civilization and the intrinsic relationship with the photographic image. Search is also present as distanced himself from the concept of art to photography, supported by the dissemination of technical and photographic instruments more and more popular and easier to handle, very present in the consumer society. It is shown that the photographic image had its meaning, authorship and emotion subtracted by the constant updating of images that internet and social platforms direct to individuals. It is thought conclusion reinterpret the photographic image in its history and its social function, namely, to preserve the memory of society.

Keywords: Photographic image. Photography. Show the civilization.

Introdução

Walter Benjamin escreveu em 1936 sobre sua preocupação com a rápida transformação da arte em produto e como a fotografia, vilã deste processo em sua origem, ajudou na reprodução técnica da imagem. Para este autor, a reprodução técnica poderia até ser utilizada, só que de forma racional, no sistema comercial, ao contrário do que defendia Theodor Adorno, colega de Benjamin em estudos, pesquisas e na organização da Escola de Frankfurt. Aquele autor tinha por princípio que qualquer forma de reprodução técnica da arte poderia corromper seu sentido e sua intenção perante a sociedade. Surge deste esforço intelectual o conceito de 'indústria cultural'.

Passadas décadas desse debate teórico, retoma-se sua importância perante a sociedade da imagem, da reprodução técnica e da intensa e usual substituição do sentido que a imagem especificamente deve expressar perante a sociedade, interpretando-a e também criticando-a. Da década de 1940 até nossos dias a soberania da reprodutividade técnica da imagem perdura sobre qualquer outra forma de expressão, muitas vezes criando preconceitos e relativismos sobre a autenticidade e a originalidade daqueles autores/artistas que não estão inseridos na hegemonia da sociedade de consumo.

Lembra-se que o processo de reprodução técnica da imagem foi mais rápido do que das palavras e dos textos, estes passaram por períodos longos da história da humanidade para que pudessem chegar de forma abrangente a qualquer leitor. Com a imagem foi diferente, retoma-se brevemente este histórico.

A fotografia no século XIX trouxe uma nova experiência do tempo e das ciências, sobretudo estimulando novos sentimentos, pensamentos e expressões antes despercebidas pelos olhos humanos. Esta relação possibilitou uma nova interpretação tanto para a filosofia e para as ciências humanas no geral, como também, para as artes e a literatura. A máquina fotográfica trouxe distintas visões e diversas interpretações da sociedade (SANZ, 2014).

Vale ressaltar o trecho da obra de Benjamin (1985) sobre este período:

Pela primeira vez no processo de reprodução da imagem, a mão foi liberada das responsabilidades artísticas mais importantes, que agora cabiam unicamente ao olho. Como o olho apreende mais depressa do que a mão desenha, o processo de reprodução das imagens experimentou tal aceleração que começou a situar-se no mesmo nível que a palavra oral (BENJAMIN, 1985, p. 167).

Desde então, a imagem consagrou-se como instrumento da verdade, como forma de captar detalhes outrora perdidos pelos olhos e pelo tempo passado. A fotografia trouxe de modo singular o microscópico dos corpos e do universo, do tempo e do sentido. Uma lógica serial, analógica e mecânica e, também por isso, aderente à moderna sociedade capitalista industrial do século XIX onde o relógio e o instante imperavam sobre o tempo social, biológico e humano (SANZ, 2014). Não diferente, e até mais intensamente, do que se vive hoje.

Para as ciências e as artes a imagem fotográfica representou mudanças de sentimentos e possibilidade de identidades. Configurou-se em “ver o que nossos olhos não alcançam” (SANZ, 2014, p. 458) e assim, suprimir o tempo, estancá-lo, para que se pudesse ver o invisível, o que não foi visto ou percebido. Diferente da utilização da imagem fotográfica na sociedade de consumo, que utiliza este mesmo recurso para impor modas, intensificar valores étnicos e sociais, sobrepor culturas, cores e opções. A imagem fotográfica se tornou o principal veículo de transmissão da reprodução técnica e da indústria cultural.

Busca-se neste artigo apresentar discussão teórica que expresse o quão a imagem fotográfica está associada à civilização do espetáculo e o quão banalizada e efêmera a fotografia se tornou na sociedade atual.

1. Acerca da imagem fotográfica

A imagem na reprodução técnica não tem autenticidade, ela é posta em padrões que a tornam formatadas para modelos industriais de produção e consumo. A imagem torna-se algo sem reflexão nem autonomia, por isso, vê-se hoje temas mortos em literatura e artes no geral, dada a reprodução da imagem sem o testemunho do autor, onde se desassocia o sentido deste à realidade vivida na sociedade.

Tanto para Benjamin (1985) quanto para Adorno (1970), a obra é viva enquanto ela expressa a realidade social do artista em sua época, enquanto ela tem comunicação com os indivíduos da sociedade e, continua viva se, através dos tempos, estiver associada à representação do seu sentido de época social perante

os indivíduos de outras épocas. Na sociedade do consumo, esta relação inexistente. Há uma falsa interligação de significados e sentidos entre a arte comprada por moda, e no caso deste estudo em particular da imagem fotográfica, e o indivíduo que a adquiriu.

Ressalta-se novamente, a imagem fotográfica representa o instante e, por isso, pode ser interpretada como uma pausa do tempo, um momento de reflexão para os indivíduos. Tanto por isso, elas devem suscitar emoções e questões à sociedade, propiciar “o desejo de construir um mundo melhor” (ADORNO, 1970, p. 32). Mas o que se vive na atualidade é diferente, a imagem, como já dito, tem sido reproduzida sem a preocupação da reflexão e, por isso, a vida desta imagem fotográfica torna-se efêmera.

Com o advento da internet e de plataformas sociais que dão destaque a imagens fotográficas presentes no mundo particular dos indivíduos, pode-se afirmar que se vive atualmente a civilização do espetáculo, a era da imagem.

Como definição, atribui-se neste trabalho o conceito de imagem de Rodrigues (2007), assim exposto:

Numa síntese de definições – sejam elas filosoficamente oriundas de Platão e de outros mestres, sejam elaboradas por especialistas em semiótica, comunicação e outras ciências -, a imagem (do latim *Imago*) é uma representação visual, construída pelo homem, dos mais diversos tipos de objetos, seres e conceitos. Pode estar no campo do concreto, quando se manifesta por meio de suportes físicos palpáveis e visíveis, ou no campo do abstrato, por meio das *imagens mentais dos indivíduos*. (RODRIGOS, 2007, p. 68)

A imagem entre os indivíduos tem uma força de interpretação e sentido muito maior que em outros animais, e durante o século XX o desenvolvimento de tecnologias possibilitou que a imagem fosse além do campo artístico e ocupasse também o campo do conhecimento e da informação. No século XXI a linguagem visual se tornou muito mais rápida e dinâmica, dada a popularização e criação de novas tecnologias. Isso acarretou o aumento significativo do uso das imagens em qualquer momento, para qualquer situação.

A imagem fotográfica mostra aquilo que o fotógrafo, ou quem contratou a fotografia, quer apresentar como mensagem, daí seu uso indiscriminado na sociedade do consumo através do marketing e da propaganda:

O advento do cartão postal e o aparecimento das revistas ilustradas pictoricamente, em meados do século XIX e início do século XX, levaram ao uso de imagens em maior volume gerando a chamada 'civilização da imagem'. As pessoas necessitavam consumir informações imagéticas que 'reforçavam' de certa maneira as informações contidas em jornais e revistas. [...] Ainda nesse período, as inovações tecnológicas 'popularizaram' as câmeras fotográficas e muitos podiam fazer suas fotos e criar seu próprio 'acervo' fotográfico (RODRIGOS, 2007, p. 70).

As imagens fotográficas ocuparam de forma bastante rápida o inconsciente e os sentidos dos indivíduos. As representações e as identidades começaram se moldar, a partir de determinados parâmetros expressos na sociedade ocidental, nas marcas de produtos e estilos de vida. A imagem fotográfica a partir do século XXI passou ter como função e sentido a reprodutividade técnica.

Desde seu surgimento a fotografia tem passado pelo debate sobre arte e técnica, verdade e mentira e, realidade e fantasia. Talvez, por isso, a fotografia ocupe com destaque um espaço que leva interpretar as situações presentes na sociedade. Mas na atualidade a imagem fotográfica tem uma dúvida interpretação entre realidade e fantasia, uma replicação infinita

No entanto, nem o mundo nem a imagem desaparecem, ainda que suas relações se estejam reconfigurando. [...] na comunidade de imagens virtuais da internet, as fotografias estão agora tomadas por um delírio de onipotência, uma fantasia que encontrou na replicação infinita a justificativa autorreferente de sua existência. (LISSOVSKY *et al*, 2013, p. 1372).

A replicação da imagem fotográfica se tornou a própria existência da condição humana. E diante dos valores sociais presentes, vê-se que reproduzir e imitar, trocando apenas personagens, é parte da banalização da cultura da sociedade, nas

palavras de Vargas Llosa (2013), é próprio da civilização do espetáculo. Na próxima unidade será abordada a associação dessa sociedade às imagens fotográficas.

2. A imagem fotográfica na civilização do espetáculo

O conceito de civilização do espetáculo, de acordo com Vargas Llosa (2013), condiz com a superficialidade das relações na sociedade que tem por valor maior a diversão, mesmo se isso esteja diretamente relacionado à banalização da cultura e da arte.

Apoiada principalmente pela imagem fotográfica, mas com a relação direta entre cinema, literatura e arte no geral, a sociedade do espetáculo presente no momento histórico atual, pode ser interpretada como a indústria cultural (ADORNO, 1985) apoiada com mais tecnologias e muito mais diversificada em instrumentos, e que se apresenta como sendo “avançada, de ruptura, (e que) na verdade propaga o conformismo através de suas piores manifestações: a complacência e a autossatisfação” (VARGAS LLOSA, 2013, p. 32).

A ausência da crítica cultural e artística, associada à reprodução automática e massificada da imagem, fez com que os indivíduos ficassem sem memória, e por isso também, sem remorso para descartar uma obra adquirida. A novidade pauta o cotidiano de cada um em sociedade, contando exclusivamente que seja algo novo, sem importar sua origem seu sentido e sua história. Fazer parte do novo é ser moderno, é estar incluído em uma sociedade livre de preceitos passados.

Os prazeres rápidos e fáceis se tornam nessa sociedade fatores definidores dos sentidos dos indivíduos, ou seja, buscar em uma imagem fotográfica seu significado, sua interpretação, seu contexto e crítica, não faz mais parte do interpretação social,

[...] buscar prazeres fáceis e rápidos que os imunizem contra a preocupação e a responsabilidade, em lugar do encontro consigo mesmo através da reflexão e da introspecção, atividades eminentemente intelectuais que parecem enfadonhas à cultura volúvel e lúdica (VARGAS LLOSA, 2013, p. 36).

A realidade e o cotidiano dos indivíduos é negado, envolve-se através da literatura e das imagens em um mundo de fantasia, onde o entretenimento assume posição privilegiada na vida de todos em sociedade. Os critérios que se impõem a este modelo artístico é a sua relação com a indústria cultural, com o mercado da cultura, altamente controlado e manipulado para definir quem serão os novos artistas de destaque da próxima temporada.

Suporte da sociedade do espetáculo e da cultura superficial é a especialização, que se apresenta com o discurso de que somente ela poderá derrubar hierarquias culturais e preconceitos sociais. Mas, ao analisar as formas pelas quais o especialista atua, verifica-se que ao seu redor nada é analisado, possibilitando que seus êxitos podem ser os estragos de outros. O especialista em qualquer campo artístico e cultural é um agente da reprodução em massa da arte pela arte.

Na sociedade de consumo, o espetáculo tomou as dimensões da vida dos indivíduos. Busca-se constantemente os quinze minutos (talvez até menos) de fama, típico de uma sociedade como descrita acima, controlada pela indústria cultural que dita as modas para o próximo período. “Nesse jogo de ver e ser visto, houve uma profunda transformação das rotinas cotidianas. As imagens passaram a fazer parte das várias instâncias da existência: do nascimento à morte, da intimidade à vida pública, do trabalho à diversão” (OLIVEIRA, 2015, p. 02)

As imagens fotográficas se tornaram espaços de destaques na sociedade do consumo, pois criam grupos e identidades constantemente, de forma rotativa e aleatória. Esta gradativa mudança da função da fotografia também faz com que se mude comportamentos e expressões sociais dos indivíduos. Com a reprodutividade técnica as imagens fotográficas se tornam parte do cotidiano de percibibilidade e consumo,

A exacerbação da cultura da visibilidade, todavia, parece exorcizar da fotografia doméstica o seu valor de culto. Os registros que antes deviam ser preservados dos olhos exteriores, agora são submetidos à exposição pública. Ao invés da imortalidade do documento, a sobrevida efêmera do arquivo. A fotografia, acusada de profanar as imagens ao destituí-las de seu valor ritualístico, torna-se alvo da própria mirada mortífera, tal qual a Medusa ao ver-se refletida no escudo espelhado de Perseu (OLIVEIRA, 2015, p. 08)

A fragmentação presente na civilização do espetáculo do século XXI deixou aberto a outrora separação entre o público e o privado, a intimidade e a coletividade. O principal fator associada a esta mudança foram as plataformas sociais ligadas à internet. “O ato fotográfico tornou-se ordinário e completamente ubíquo: ‘Há alguns anos fazer uma foto era um ato solene reservado a ocasiões privilegiadas; hoje disparar a câmera é um gesto tão banal quanto coçar a orelha’, observa Fontcuberta.” (OLIVEIRA, 2015, p. 08)

Dessa forma, a tendência exibicionista passa pelo sistema da rede mundial de computadores, e dita a vida cotidiana e particular de cada indivíduo, onde não se tem limite para se expor e ostentar. Para Oliveira (2015) o indivíduo se torna o próprio espetáculo.

Evidente que este tipo de relação e comportamento distancia os indivíduos e desta forma os vínculos sociais são enfraquecidos. O conjunto de imagens fotográficas produzidos media situações e indivíduos que não tem relação com a realidade concreta causando momentos protocolares entre indivíduos e a ausência de laços sociais,

(a) defesa de um novo paradigma se baseia na principal questão que norteia a história e os usos sociais da fotografia: a memória. O papel mnemônico está tão imbricado na ontologia fotográfica que Kossoy (2009, p. 132) é categórico ao afirmar que “fotografia é Memória e com ela se confunde”. Ao analisar a atual finalidade das imagens produzidas para as redes sociais, é possível afirmar que há uma reconfiguração dessa função memorial a qual a fotografia esteve atrelada ao longo de mais de um século e meio. (OLIVEIRA, 2015, p. 11)

A civilização do espetáculo tirou da imagem fotográfica sua maior função: a construção e reconstrução de um tempo passado. É uma ruptura que em toda a história da fotografia nunca havia ocorrido, dada a rápida obsolescência da fotografia na atualidade, “ao invés da preservação da memória, o que ganha destaque na atualidade são as outras funções sociais da fotografia doméstica apontadas por Bourdieu: a realização pessoal, o prestígio social e a distração.” (OLIVEIRA, 2015, p. 11).

Nesse sentido surge uma documentação excessiva de instantes fúteis, assim como demonstra Oliveira (2015), onde a foto-ostentação transforma tudo em cena, mesmo sendo descartável e perecível, aumentando os arquivos mortos, ao invés dos arquivos de foto-recordações. Assim, neste processo, a foto-ostentação tem como nova função de imagem fotográfica, transmutar a imagem corpórea em imagem digital, possibilitando a vivência do indivíduo no ambiente virtual.

No regime da foto-ostentação não há mais tema para a fotografia, uma vez que tudo pode ser fotografado. No entanto, os registros não são gratuitos, pelo contrário, seguem uma lógica de visibilidade baseada no poder de alcance da imagem. O registro de instantes fúteis coloca a fotografia no âmbito do entretenimento, o que retoma a ideia do ócio ostentatório (OLIVEIRA, 2015, p. 13).

A fotografia não existe mais por conta do registro do instante e do momento, do tempo sublevado, como exposto no início deste artigo, uma inversão que também modifica experiências sociais, afetividade e memória.

3. Algumas conclusões

Abordou-se brevemente neste artigo o conceito de civilização do espetáculo, presente na sociedade do século XXI, que tem como característica o alto consumo, a presença da indústria cultural potencializada pelos novos equipamentos eletrônicos e estes associados a internet e a plataformas sociais. Lembra-se que este modelo atual se configura com a sociedade da imagem, da reprodutividade técnica da fotografia e também, por isso, da efemeridade das imagens.

Viu-se que estamos em um momento nunca antes expresso na história da fotografia: mudou-se sua função. Em sua origem, a fotografia era o registro do instante passado, do que os olhos não viram, parceira do conhecimento e da história social, presente na memória e na vida das pessoas. A fotografia nos tempos atuais é a imagem superficial, perecível, que minutos ou segundos após sua reprodução se torna passado e, na civilização do espetáculo, não há espaço para o passado tudo está relacionado com o atual. Ser atual, na sociedade do consumo é também ser

moderno, daí a constante atualização de imagens fotográficas em plataformas sociais e até mesmo em propagandas e comerciais.

O excesso de imagens provocado pela civilização do espetáculo acentua a falta de memória dos indivíduos e torna qualquer cultura que se apresente diferente desta dos excessos, enfadonha. Neste processo, o mundo da fantasia e a ausência da realidade são acentuados. A busca pelos poucos minutos de fama se torna regra com o objetivo de se buscar novas identidades ou até mesmo criar novas identidades. A civilização do espetáculo associada às imagens fotográficas atualiza constantemente os novos modelos, costumes e cultura para a próxima temporada.

Viu-se também que diante deste processo severo de mudanças comportamentais, a sociedade se fragmenta, assim como as imagens fotográficas, e as relações sociais passam ser superficiais.

Tem-se como conclusão, como uma das possibilidades de superar a civilização do espetáculo, reinterpretar a imagem fotográfica em sua história, em sua função social, qual seja, de preservação da memória da sociedade.

Referências

ADORNO, T. Teoria Estética. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1970.

BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas. Volume 1. Tradução: Sergio Rouanet. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1985.

LISSOVSKY, M.; MARTINS, J. A fotografia e seus duplos: um quadro na parede. In: História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 20, suplemento, nov 2013, p. 1363-1375.

OLIVEIRA, M. Foto-ostentação: um novo paradigma fotográfico. In: Anais INTERCOM, Rio de Janeiro, setembro de 2015.

RODRIGOS, R. C. Análise e tematização da imagem fotográfica. In: Ci. Inf., Brasília, v. 36, n. 3, p. 67-76, set/dez 2007.

SANZ, C. L. Entre o tempo perdido e o instante: cronofotografia, ciência e temporalidade moderna. In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas, Belém, v. 09, n. 02, p. 443-462, maio-agosto 2014.

VARGAS LLOSA, M. A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Tradução: Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.